

Introdução – A Museologia Social e os novos desafios do ICOM

Mario Moutinho¹ & Bruno Brulon Soares²

A criação do Comitê Internacional do ICOM para a Museologia Social, em 2024, marcou um reconhecimento tardio, no centro desta organização global, das vozes e valores que promoveram algumas das mudanças mais profundas no setor museológico mundial durante os últimos 40 anos. No aniversário da declaração que deu origem ao movimento internacional para a Nova Museologia (Quebec, 1984) e mais de cinquenta anos desde que o termo “museu social” foi introduzido no contexto global na Mesa Redonda de Santiago do Chile (UNESCO, 1972/1973), o SOMUS surgiu como um sopro de esperança em um mundo de museus em rápida mudança. No momento em que completamos nosso primeiro ano de existência, tendo realizado uma série de atividades frutíferas envolvendo diversos participantes e promovendo diálogos interculturais, o ICOM enfrenta uma nova transição. É um momento em que o setor museológico lida com novos — e imprevisíveis — desafios éticos. Enquanto isso, a maioria das instituições ainda adapta suas práticas em resposta a um papel social renovado e mais proativo, que foi relegado aos museus em todo o mundo por meio de recentes reivindicações sociais. O ICOM e, por extensão, o SOMUS prosperarão neste mundo, desde que sirvam como plataformas fundamentais para sustentar a mudança em curso e definir os parâmetros necessários para que os museus trabalhem com as sociedades lidando com os seus desafios atuais em diversas frentes.

Este número marca o passo de uma série de projetos do SOMUS destinados a ampliar o debate sobre a Museologia Social — debate este balizado por ideias que, durante muito tempo, permaneceram confinadas a um pequeno círculo de acadêmicos e ativistas em regiões específicas do mundo, notadamente na América Latina e na Península Ibérica, na Europa. Graças à Escola de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e à equipe editorial da revista *Cadernos de Sociomuseologia*, esta edição da revista reúne as vozes de pesquisadores e profissionais da Museologia Social, entre os quais alguns acadêmicos consagrados, membros fundadores do movimento da Nova Museologia na década de 1980, e os de uma nova geração de museólogo(a)s sociais de diferentes partes do mundo. Com o objetivo de ser uma publicação verdadeiramente internacional, reconhecemos os esforços dos autores que, quando possível, traduziram os seus artigos originais para uma segunda língua. Isto também foi possível graças ao trabalho de revisão de um comitê de revisão por pares plurilíngue, incluindo alguns membros do conselho do SOMUS.

Os artigos neste número estão organizados em duas seções temáticas. A primeira seção contém seis trabalhos reflexivos que abordam a Museologia Social de maneira conceitual ou teórica. Eles consideram a definição atual da Museologia Social — e a escola da Sociomuseologia — como um ramo legítimo da museologia, refletindo sobre sua história, terminologia, estudos acadêmicos e políticas definidas nacional ou internacionalmente. Na segunda seção do número, os artigos refletem sobre estudos de caso específicos ou tipologias de museus e suas práticas, evidenciando algumas das mudanças e tendências mencionadas na primeira parte. Esses artigos analíticos apresentam uma série de exemplos do Peru à Alemanha, Brasil e Portugal.

¹ Universidade Lusófona Lisboa, <https://orcid.org/0000-0003-0078-6894>, email: mcmoutin@gmail.com

² University of St Andrews UK, <https://orcid.org/0000-0002-1037-8598>, email: brunobrunon@gmail.com

Os artigos selecionados nesta seção ampliam os usos sociais dos museus e da museologia na atualidade, apresentando alguns desafios urgentes e propondo estratégias baseadas em experiências situadas. O recente reconhecimento da Museologia Social pelo ICOM também reflete um passo em direção à descentralização de suas perspectivas, historicamente baseadas em determinados centros estabelecidos de produção de conhecimento: incluindo, assim, mais pontos de vista provenientes da África, América Latina e Caribe, Ásia e Pacífico. Neste sentido, esperamos que esta seja a primeira de muitas edições futuras dos *Cadernos de Sociomuseologia* que contribuam a ampliar o escopo dos estudos de Museologia Social para outras regiões geográficas e contextos culturais — incluindo os da África, Ásia e Pacífico, não representados nesta edição.

Abrindo o número, **Mario Moutinho** discute a distinção entre a Museologia Social, concebida a partir dos princípios delineados na declaração de Santiago do Chile (1972) e posteriormente interpretados pelo Movimento Internacional da Nova Museologia (fundado em 1984-5), e a Sociomuseologia como uma escola de pensamento criada a partir da elaboração do termo no âmbito dos Cadernos de Sociomuseologia, por Fernando Santos Neves, em 1993. **René Rivard**, em seu artigo, tece uma reflexão atualizada a partir da obra do canadense Robert R. Janes sobre um colapso eminente no setor museal para propor a Museologia Social como um “escudo” ou ferramenta fundamental aos diferentes povos para ampliar a justiça social, o sentido da democracia e contribuir para a sustentabilidade planetária.

Em análise da literatura especializada em Sociomuseologia, **Clovis Carvalho Britto** observa as nuances, contextos e os usos polissêmicos do termo “diferença”, como termo chave em uma linguagem de especialidade em artigos científicos e teses do doutoramento. Compreendendo a Sociomuseologia, nos termos de Hugues de Varine, como uma “disciplina acadêmica de origem luso-brasileira”, o Britto observa as transformações na produção de conhecimento nesta área, ressaltando seus delineamentos terminológicos face ao domínio mais amplo da Museologia em língua portuguesa. O léxico específico da museologia também é explorado no artigo de **Bruno Brulon Soares**, relacionando o uso do termo “comunidade” na literatura especializada bem como em políticas culturais com uma transformação no setor que impõe aos profissionais a reflexão sobre uma ética relacional para os museus. A reflexão aborda o uso da expressão “participação das comunidades” na definição de museu adotada pelo ICOM (2022) como o indício dessa transformação em curso no âmbito da museologia profissional— a qual pode ser observada em casos de estudos presentes em outras contribuições a esse número.

Em seu artigo para este número, **Óscar Navajas Corral** reflete sobre o passado e o presente da Nova Museologia e da Museologia Social para propor uma discussão sobre a transformação contemporânea da disciplina diante dos desafios emergentes deste século. O autor introduz uma discussão sobre alguns dos temas-chave que os museus têm enfrentado para responder às necessidades das sociedades contemporâneas: da sustentabilidade à descolonização, da inclusão social aos desafios envolvidos em nossa interpretação atual da democracia e da justiça social—noções que também são exploradas em várias outras contribuições para esta edição. Refletindo sobre a importância dos novos comitês do ICOM, SUSTAIN e SOMUS, respectivamente voltados para os temas da sustentabilidade e da museologia social, o artigo de **Marcelo Murta e Nathalia Pamio** demonstra como os debates entorno dessas temáticas foi atualizado e vêm ganhando novos delineamentos no âmbito dessa organização global. Os autores refletem sobre a ampliação dos debates – geograficamente localizados desde os anos 1970 – contribui para agregar novas agendas e para descentralizar pautas cruciais para a construção de futuros coletivos e sustentáveis.

Os textos aqui reunidos apresentam ao menos um traço comum, que transpõe à diversidade de visões presentes no número, qual seja, o entendimento da Sociomuseologia ou Museologia Social como uma via político-afirmativa de ampliação do direito à memória (e ao museu) pelos grupos historicamente excluídos dos processos de valorização do patrimônio e de construção da história pública. Na segunda parte do número, abrindo os trabalhos, o artigo em co-autoria de **Mãe Nilce de Iansã, Maria Helena Versiane e Mario Chagas**, discute como o Grupo de Gestão Compartilhada do Acervo Nosso Sagrado atua, por meio do processo de musealização compartilhada, no combate ao racismo religioso. Ao colocar os procedimentos museológicos

técnicos à serviço das comunidades de terreiro, o Museu da República, autodeclarado um museu social no Rio de Janeiro, restaura laços simbólicos para reativar conexões sociais entre esses grupos e sua materialidade sagrada. Por sua vez, **Mário Antas e Ana Rita Lopes** fazem uso da abordagem sociomuseológica para evidenciar narrativas silenciadas no Museu Nacional dos Coches, em Lisboa, considerando os contextos sociais, políticos e ideológicos que marcam a vida atual deste museu.

Alfredo Vargas e Bernarda Delgado Elías apresentam um profícuo estudo de caso do Ecomuseu de Túcume, no Peru, a partir do qual observam práticas de Museologia Social na gestão patrimonial de base comunitária. O texto considera os cultos sincréticos de Túcume como patrimônio comunitário, dinâmico e em transformação, e logo um desafio concreto para a Museologia clássica. A perspectiva da ecomuseologia, balizada pelos princípios da Museologia Social, se mostram como adequadas para a preservação do patrimônio em sua integralidade — material e imaterial, atrelado ao território e às comunidades criadoras. Também considerando as raízes históricas da Nova Museologia e dos ecomuseus, **Anna Leshchenko, Khawla Abdulla, Katalin Banvölgyi, Mel Bittner, Antonia Keis, Manja Leinwather, Miriam Carolina Mauthe e Carolin Saia** apresentam uma discussão contemporânea sobre o papel e a prática dos museus Heimat — museus de história local — na Alemanha. No âmbito da Museologia Social, a análise comparativa sublinha as características fundamentais destes museus, suscitando uma reflexão oportuna sobre o seu papel de abraçar a mudança, preservando simultaneamente algumas tradições.

Em seu artigo também baseado em um caso de estudo, **Melissa Campos** recupera a prática educativa do uso de maletas didáticas em El Salvador, examinando a ação museal para além dos muros. A autora reflete sobre a mediação cultural a partir de um projeto universitário visando a democratização do museu para o público a partir de um dispositivo móvel e participativo, e entendendo o museu como uma instância de co-criação. Aqui, a criação com as comunidades se apresenta mais uma vez como a força motora de museologias sociais que escapam os limites dos museus — quando estes os estabelecem.

Apresentando caminhos práticos para o trabalho com a memória afetiva de populações migrantes, o texto de **Ana Paula dos Anjos Fiuzza** relaciona os parâmetros internacionais estabelecidos pela nova definição de museu do ICOM e a Recomendação da UNESCO de 2015 sobre a proteção da diversidade dos museus com uma nova ética afetiva. Embora não se baseie em um caso de estudo específico, a autora se debruça sobre as formas contemporâneas geradoras de pertencimento coletivo propondo a Museologia Social como uma ferramenta prática baseada na ética da escuta sensível. Concluímos este número com o estudo realizado por **Giovanna Gomes Perrone e Vladimir Sibylla Pires**, mapeando as distinções entre os termos Museologia Social e Sociomuseologia, na literatura em língua portuguesa. O texto, reunindo dados a partir de uma pesquisa no curso de graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), faz alguns apontamentos preliminares sobre as nuances que marcam a produção na área e reflete sobre a origem história da Museologia Social e da Sociomuseologia no movimento internacional da Nova Museologia, nos anos 1980.

Este número dos *Cadernos de Sociomuseologia* foi concebido como um convite aberto para um diálogo global contínuo. Nosso objetivo é ampliar os debates sobre Museologia Social, estendendo-os a novos territórios e comunidades, e aprender com suas perspectivas. Tomando o SOMUS como a principal rede de intercâmbio e diálogo intercultural voltada para este ramo da museologia comprometida com as pessoas, esperamos que os debates aqui apresentados estimulem conexões significativas entre profissionais que se empenham em preparar os seus museus para melhor servir à sociedade. Desejamos uma proveitosa leitura!